

Caixa 2.

Por Juliana Fernandes Gontijo.

Carlíane é uma representante de produtos importados e, em suas visitas aos clientes, sempre levava o filho, Ian, de 6 anos, um menino esperto, que gostava de ajudar os pais a “fazer negócios”.

Na escola, Ian dizia ser “empresário”. Os professores percebiam uma facilidade diferenciada do menino em lidar com números, quando comparado às outras crianças da sala. Nas brincadeiras em que eram envolvidos processos de compra e venda, o filho de Carlíane destacava-se ao fazer “negociações” com os colegas.

A família tinha uma loja de pequeno porte em casa, onde o marido, Renato, trabalhava o dia todo, uma vez que ele se sentia tímido e, assim, deixava as visitas para a esposa. Ele preferia estar somente no trabalho burocrático ou no balcão do estabelecimento.

O casal, às vezes, entrava em atrito porque o menino já se sentia “adulto” para ajudar a mãe nas visitas de representação. E, ao discordar do marido, era “voto vencido”. Pai e filho a convenciam de estar acompanhada.

Numa das visitas em um consultório médico, Ian já chegou “causando”:

— Gente, boa tarde. A minha mãe vende "produtos emportados". Ah... é produto importado. Com “i”, às vezes, eu esqueço. Agora eu falei certo, né, mamãe?

A mãe fazia um sinal de sim com a cabeça.

Algumas pessoas achavam graça do menino inteligente. Outras até compravam algum produto, tamanha era a insistência do garoto e logo pagavam dinheiro ou cartão.

Ian contava muitas histórias dos produtos importados que os pais vendiam, oferecia até desconto, caso o cliente quisesse levar mais de uma unidade. Algumas pessoas riam, outras conversavam com o garoto e, quando perguntavam sobre um item que Ian sabia que os pais não vendiam, dizia prontamente à mãe:

— Anota no caderninho pro papai comprá. O moço qué protetô auri...

E voltou a perguntar ao rapaz:

— Auri o quê, moço? Não entendi, não, disse Ian.

— Não se preocupe, senhora, mas é protetor auricular para a indústria.

O menino ia distribuindo os cartões da loja dos pais enquanto a mãe conversava com a secretária, Ana Maria.

Quando terminou de entregar todos os cartões, voltou para junto da mãe.

A secretária atualizava os dados da empresa de Carlíane para fazer o pagamento da compra pelo caixa do consultório.

Ian, muito esperto, passou por debaixo do balcão sem a mãe ver e chegou perto do computador. No silêncio do local, a voz do menino ecoou:

— É caixa 1 ou caixa 2?

— Quietto, Ian!

— Mamãe, é caixa 1 ou caixa 2? Fala!

Naquele instante, o rosto da secretária ficou vermelho e ela ficou sem fala.

— Venha cá, filho. Saia já daí.

— Mas mamãe, o papai falou que é no caixa 2 que paga. O que foi que ele disse mesmo?

Como um sussurro, a representante ouviu alguém dizer mais ao fundo na recepção:

— Menino chato, parece não ter educação, falou uma mulher que lia um livro.

— Desculpe, gente, mas criança fala cada coisa, né? - disse Carliane.

— Ele falou não paga imposto no caixa 2, mamãe, lembrei!

Ana Maria prendeu a boca para não rir da situação. Alguns pacientes se entreolhavam e outros caíam na gargalhada.

A mãe, bastante sem graça, recebeu pelo valor da negociação, agradeceu e puxou o filho pelo braço. E o menino perguntou novamente antes de entrar no elevador:

— A moça pagou no caixa 1 ou caixa 2, mamãe? Responde!

Aquela foi a última vez que Carliane levou o filho para “ajudar” na representação de seus produtos em consultórios médicos e nunca mais fez outros contatos com Ana Maria.
